
Para uma língua melhor

Pedro Perini-Santos e Beto Vianna
Doutores em Linguística pela UFMG

Publicado no Jornal Hoje em Dia, 09/06/11

Como linguistas por formação e ofício, sentimo-nos no dever de comentar sobre os alardeados erros no livro de português que o MEC avalizou. Vamos explicar de forma simples para que o Clóvis Rossi, o Merval Pereira, o Arnaldo Jabor, a Vivine Mosé, o Milton Jung, o Alexandre Garcia, o Carlos Monforte, o Reinaldo Azevedo e o Cristovam Buarque entendam. O que eles divulgaram em seus espaços midiáticos teve muita repercussão. Sobre os ditos erros do livro “Para uma Vida Melhor”, o que eles propuseram está errado, pelos seguintes motivos.

O livro tematiza junto a alunos do programa Educação para Jovens e Adultos, algo que acontece em todos os países: as pessoas são julgadas pelo jeito que falam. Isso se chama preconceito linguístico e tem consequências graves. Se se sentem vítimas de preconceito linguístico, muitas pessoas deixam a escola, se esquivam de consultas médicas, abandonam reivindicações trabalhistas e não conversam com os filhos e com os colegas de trabalho. Quando nos sentimos constrangidos pela fala, pelo corpo ou por uma forma de pentear o cabelo fora do padrão extremamente rígido de nossas relações, nos calamos e sofremos com isso.

Não existe “norma culta”; isso é um erro conceitual grave e difundido como se fosse aceito pelos linguistas. Usar a expressão “norma culta” é tão infeliz quanto falar que existem “bairros nobres”, porque se supõe a existência do oposto, e a esse oposto, atribuem-se valores negativos.

O que a linguística fala das línguas é o seguinte: nada mais sendo variável – um problema neurológico ou problemas emocionais extremos – todo jovem e adulto aprende a variante linguística de sua comunidade e de sua família. Esse é um fato linguístico; nenhuma variante linguística é errada. E mais: a escrita não é a língua; é um sistema normatizado de codificação que pode abarcar uma ou mais variantes de uma língua. A escrita sempre difere da língua falada nos mais variados aspectos, inclusive da variante padrão.

E o que a linguística fala da escola é: a escola deve ensinar aos alunos o uso de um padrão normativo nacional, cuja referência é o uso linguístico universitário urbano. Talvez haja divergência quanto a escolha de seu caráter urbano, mas não há a menor possibilidade de um linguista sensato falar que erros de concordância nominal (como “os bicho”) ou verbo-nominal (como “acabou ontem as provas”) sejam ataques à gramática da língua portuguesa do Brasil; isso são ocorrências linguísticas que fazem parte do nosso uso corriqueiro.

O Brasil pratica preconceito linguístico há tanto tempo que achamos isso normal, e o resultado educacional aí está. Crianças que aprendem que sua família e seus amigos “falam errado”, o que gera problemas emocionais para a vida toda. Se não for má-fé, é pelo menos curioso ver tanta gente culta defender a manutenção do atraso para grande parte da população.

Por que falar dos “erros” no material didático? Considerar a fala espontânea, as variações regionais e pessoais é o melhor caminho para amadurecer o uso do texto escrito e do texto oral. Em geral, as pessoas falam e se expressam muito bem. Os desafios escolares são ajudar os alunos a aprenderem a utilizar a variante padrão nos contextos adequados, adequar o texto oral à forma escrita, aprender a interpretar e argumentar a partir da leitura de textos diversos e fazer amadurecer nos alunos a consciência de que a gente deve se expressar do jeito apropriado à situação comunicativa que se vive.

Manifestações gramaticais prescritivas, como as que ocorreram nos meios de comunicação, geram agressividade, mal-entendidos e aumentam a arrogância com a qual tratamos as pessoas que de alguma forma desviam do modelo social padrão. No caso específico do livro, uma simples pitada de diferença no uso da fala citada no livro justificou uma violência verbal contra o livro de dimensões históricas.

Finalmente, só se pode falar sobre aquilo que conhece e que se entende. Os jornalistas e o engenheiro que lemos, ouvimos e nomeamos aqui não entendem bulhufas de linguística. Eles erram na terminologia técnica; erram na interpretação do texto do livro; não conhecem a literatura científica; distorcem informações e não têm formação apropriada para falar sobre o tema.

O engenheiro e os jornalistas citados neste artigo deveriam pensar um pouco no que falaram (ou antes de falar), porque as consequências de sua fala são graves. Muita gente acredita nesses formadores de opinião, e o preconceito linguístico gera sofrimento e atrapalha a educação. Além de errada, a opinião por eles divulgada é nociva.